

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Instituto de Artes e Comunicação Social

Departamento de Cinema e Vídeo

Mariana de Melo Pereira

**O SILÊNCIO ELEMENTAR:**

**Memorial de um filme-ensaio**

Niterói

2020

Mariana de Melo Pereira

Mariana de Melo Pereira

**O SILÊNCIO ELEMENTAR:**

Memorial de um filme-ensaio

Trabalho apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Eliany Salvatierra Machado

Niterói

2020

*Para Luiza, sua fé e apoio incansáveis em mim e neste trabalho, sua interlocução, sua dedicação e resiliência em ter enfrentado até os momentos mais difíceis comigo.  
Para a Yasmin que topou e acreditou desde o início. Muito além de algumas frases, este trabalho é dela também.*

## AGRADECIMENTOS

O exercício prático e intelectual do cinema sempre me demandou a coletividade e, graças a bons e não poucos amigos, este trabalho foi possível.

Aos meus pais que sempre me apoiaram com amor incondicional, embora minhas decisões nem sempre fossem as mais ortodoxas.

Ao Constantín, que me trouxe a possibilidade de realizar o sonho do cinema.

À Paula M., Gabi, Dri, Vinzon, Júlia, Letícia, Laís e Bruno, pelo carinho e companhia em meus anos de Rio de Janeiro.

À Paula F. e todas as madrugadas de reflexões intensas que sempre me instigaram tanto.

À Patrícia, que talvez tenha sido a primeira pessoa a acreditar nas possibilidades deste projeto.

Ao Henrique, Dada, Duda, Clara, Renato, João, Diogo, Tamires, Pedro C, Pedro F., Clarissa X., Clarissa C., Ana Gabriela, Luciana, Giovanni, Marllon e Júnia, pelos corações abertos que ajudaram a dispor pedra sobre pedra deste trabalho.

Ao grupo de quartas de quarentena que me acolheu e trouxe poesia para esses dias difíceis.

À Simone e ao Rafael, companhias infatigáveis até nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora Eliany pelo apoio, pelas trocas, pela liberdade. Por suas sugestões e indicações que, ao longo do processo de escrita, como mágica – ou bruxaria? – sempre se converteram nos motivos de minhas maiores e mais revolucionárias transformações.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> - Cava de mineração na Serra da Moeda, Moeda, MG	7
<b>Figura 2</b> - Vista da Avenida Afonso Pena, Serra do Curral ao fundo	20
<b>Figura 3</b> - Vista aérea do desmoronamento na cratera da Mina de Águas Claras, Serra do Curral	21
<b>Figura 4</b> - Foto de satélite do perímetro urbano de Itabira e as estruturas minerárias próximas	25
<b>Figura 5</b> - Montagem comparativa do Pico do Cauê antes e após o extrativismo minerário.	26
<b>Figura 6</b> - Mapa de os "Gerais" e as "Minas"	30
<b>Figura 7</b> - Menino solta pipa. Ao fundo, cavas de mineração	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>1 QUANDO TUDO COMEÇOU</b>	8
<b>1.1 A Poesia</b>	8
<b>1.2 Virada epistemológica</b>	12
<b>1.3 Anedotas dos Territórios e Seus Modos</b>	18
<i>1.3.1 Belo Horizonte</i>	19
<i>1.3.2 Itabira</i>	22
<i>1.3.3 Terra Krenak</i>	26
<i>1.3.4 Grão Mogol e os Geraizeiros</i>	28
<b>2 A FORMA DO FILME</b>	31
<b>2.1 O Ensaio</b>	31
<b>2.2 Tema e Personagens</b>	33
<b>2.3 Um Roteiro Vivo - Pesquisas e Filmagens</b>	34
<b>2.4 As Contribuições Antropológicas</b>	35
<b>2.5 A Montagem e um Novo Roteiro</b>	37
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39

## INTRODUÇÃO

O imaginário de Minas Gerais, aos olhos do senso comum brasileiro, traduz-se em refúgios bucólicos: serras intermináveis, cachoeiras colossais, cidades históricas e roças. A culinária típica é múltipla e farta. O povo é simples e desconfiado; pessoas dóceis, gentis e quietas. No entanto, penso que esse conjunto de características culturais e identitárias mineiras – um ethos mineiro – seja perpassado por um silêncio com um quê de melancolia.

A percepção de que existe um certo traço melancólico mineiro acompanha-me há muito tempo, possivelmente desde a infância que passei no interior do estado. Para além da experiência pessoal, a ilustração dessa melancolia mineira faz-se presente em expressões artísticas: para citar algumas breves referências, falar de "mineiros" no âmbito da arte é falar das pessoas que nunca viram o mar (em "Mar", de Ana Martins Marques; 2019); de cidades e almas inteiras de ferro (lê-se em vários poemas de Carlos Drummond de Andrade); "de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta"<sup>1</sup> (em Milton Nascimento) e de um sertão que está dentro de nós (em João Guimarães Rosa).

Não foi até um diálogo casual que uma prima fez um apontamento que a princípio pareceu-me um tanto inusitado. Ela compartilhava da percepção acerca da existência de um ethos melancólico mineiro e acreditava que esse elemento provinha da mineração, segundo ela, "um passado muito duro". Em um primeiro momento, a mineração e a melancolia pareciam, para mim, pertencer a campos semânticos muito distantes. Mas sob uma segunda luz, a relação entre ambas começou a estreitar-se.

É preciso lembrar que a mineração do ouro funda a colonização de Minas Gerais, consolida o território como parte da colônia portuguesa e nomeia o estado, no início do século XVIII. As reservas de ouro mineiras eram as maiores que o homem havia visto até então (GALEANO, 2018, p.81) e fizeram com que a localidade fosse apelidada por alguns autores como o "Eldorado Português".<sup>2</sup> A sociedade que se estabeleceu na região norteava-se pela extração minerária; quase toda a população originária que ali habitava foi dizimada, e foi onde havia o maior contingente de mão de obra escrava do Brasil, às alturas do século XIX (MARTINS, 1980). A mineração em Minas Gerais, contudo, não termina quando o ouro acaba. Ainda hoje, 300 anos após o início da colonização, o estado é um território minerador. Desta vez, os objetos de interesse são os minérios de ferro e as atividades ligadas a eles, que

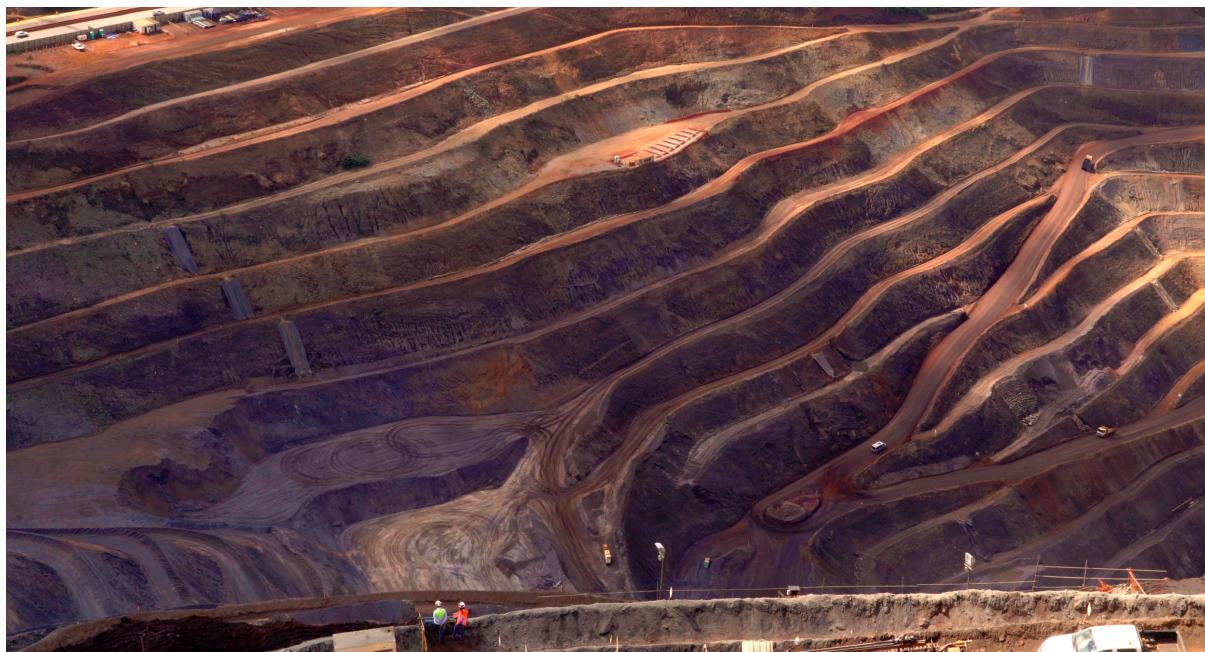
---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, M. **Maria, Maria**. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

<sup>2</sup> Por exemplo, em seu livro "Boa Ventura! – a corrida do ouro no Brasil (1697-1810)" (2011), o jornalista Lucas Figueiredo frequentemente refere-se assim à região das minas após a descoberta do ouro.

sustentam grande parte da economia mineira. O "mar de montanhas" converte-se em um mar de cavas, com empreendimentos minerários colossais. O interior de Minas também foi palco dos distópicos rompimentos das barragens de Fundão e do Córrego do Feijão e de seus tsunamis de lama tóxica, que levaram consigo centenas de vidas.

**Figura 1** - Cava de mineração na Serra da Moeda, Moeda, MG



Fonte: Arquivo pessoal.

A percepção do entrelaçamento da melancolia mineira para com a atividade minerária instigou-me a criação de um projeto de filme documental que versaria sobre esses temas. Portanto, é sobre o fazer fílmico que tratarei aqui. Um fazer que busca na pesquisa fontes de reflexões e criações para pensar sobre a melancolia mineira.

Muitas questões vêm à tona neste momento: existe, de fato, uma identidade comum mineira perpassada pela melancolia? E será que esse ethos é efeito de relações socioeconômicas e políticas produzidas pela mineração? Qual a forma ideal de um filme que pretende mesclar percepções pessoais e poéticas com política e com a historiografia?

Este trabalho é um memorial do filme que viemos pensando e criando: "O Silêncio Elementar".

## **1 QUANDO TUDO COMEÇOU**



## 1.1 A Poesia

São muitos os embasamentos numéricos que comprovam a dimensão da mineração em Minas Gerais, tanto na Era do Ouro quanto na Era do Minério, inclusive as perversidades derivadas da atividade, como a escravidão e o extermínio de povos originários. Uma obra referência sobre o tema é “As Veias Abertas da América Latina” (2018), do escritor uruguaio Eduardo Galeano, o qual nos relata que, durante o século XVIII, as entradas de ouro brasileiro em Londres chegavam a 50 mil libras semanais. Também conta sobre o Congresso Internacional de Mineralogia de 1910, em Estocolmo. Neste episódio tão emblemático para a história mineira, homens de negócios norte-americanos, pela primeira vez, puderam avaliar exaustivamente as reservas minerais do mundo. Segundo ele, os solos de Minas Gerais talvez fossem os mais tentadores.

Há até mesmo estudos científicos que relacionam a mineração a distúrbios psicológicos nas populações vinculadas à atividade. Como mostra uma reportagem do jornal Estado de Minas<sup>3</sup> sobre a cidade de Brumadinho, logo após o rompimento da barragem de rejeitos, as tentativas de suicídio cresceram em 23%. O uso de antidepressivos por pacientes da rede pública de saúde foi 60% maior em agosto de 2019 do que no mesmo mês do ano anterior, antes do incidente. O uso de ansiolíticos cresceu 80%, em uma comparação entre os dois períodos.

Há também estudos sobre impactos psicológicos da atividade minerária em cidades que convivem com ela cotidianamente, mas que não foram palco de desastres como os rompimentos de barragens. No artigo "O impacto do suicídio sobre a morbimortalidade da população de Itabira" (SOUZA *et al.*, 2006), as autoras apontam que a taxa de suicídio no município berço da mineradora multinacional Vale é mais elevada que a média brasileira, e que o fenômeno coincidiu com uma reestruturação produtiva da monocultura do ferro na cidade; popularmente conhecida nos anos 1990 como "cidade do suicídio".

Contudo, há outro locus, muito distante das estatísticas e das ciências exatas, em que a associação da mineração e de uma certa identidade coletiva dos mineiros explicita-se, o qual me interessa muito mais. É um locus um tanto poético. Ele começa com o gentílico, o adjetivo que caracteriza naturalidade: eis que somos "mineiros". O sufixo "-eiro" designa profissão (ALVARES, 2005, p. 10), e na língua portuguesa há apenas duas naturalidades que se

---

<sup>3</sup> APÓS lama, Brumadinho registra alta de suicídio e prescrição de remédios. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 09 de set. de 2019. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/09/interna\\_gerais.1083678/apos-lama-brumadinho-registra-alta-de-suicidio-e-uso-de-remedios.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/09/interna_gerais.1083678/apos-lama-brumadinho-registra-alta-de-suicidio-e-uso-de-remedios.shtml)>. Acesso em: 05 de ago. de 2020

terminam assim: *brasileiro*, aquele que extrai o pau-brasil,<sup>4</sup> e *mineiro*, obviamente, aquele que tem o ofício da mineração.<sup>5</sup> Já nascemos mineiros, assim como o estado nasceu das Minas.

Antes dos dados históricos, as constatações poéticas foram, para mim, a primeira evidência de ser possível associar uma "melancolia mineira" à mineração. A obra do emblemático Carlos Drummond de Andrade sempre acompanhou-me e nela vi a tal "melancolia mineira". Só mais tarde fui perceber a marcante associação que o autor estabelece com os metais. Essa associação é tão notável que é um dos temas do livro "A Maquinação do Mundo – Drummond e a Mineração" de José Miguel Wisnik (2018).

O clássico poema "Confidência do Itabirano", serviu para mim, ao longo dos anos, como um angustiante desabafo mineiro, com o qual eu me identifico. Só depois notei em suas linhas o elemento mineral:

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

("Confidência do Itabirano", DRUMMOND, 1967, p. 101)

Daí, a obra de Drummond abriu-se de uma forma inédita.

Na cidade toda de ferro  
as ferraduras batem como sinos.

<sup>4</sup> BRASILEIRO. In: MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

<sup>5</sup> MINEIRO. In: MICHAELIS, Dicionário Online de Português. Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mineiro/>> Acesso em 15 de mai. de 2020.

Os meninos seguem para a escola.  
Os homens olham para o chão.  
Os ingleses compram a mina.

(“Itabira”, *Ibidem*, p. 58)

Nos trechos do poema "Itabira", acima, o poeta sintetiza, em poucos e curtos versos, muito das relações e os efeitos da mineração. Um semblante austero e triste de um povo provinciano e religioso: os meninos que seguem para escola, os homens que olham para o chão e a dimensão sonora das ferraduras e dos sinos. A imensidão das jazidas de ferro – a cidade é toda de ferro. E, por fim, o destino mineral, a neocolonização extrativista que assola o território: "Os ingleses compram a mina."

Em tom profético, na sexta parte de "Os Bens e o Sangue", Drummond traz a Era do Ouro e a Era do Ferro, a memória mineira e a fatalidade e angústia do destino mineral do território e de seus habitantes, consequência da mineração neocolonial:

Os urubus no telhado:  
E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo  
e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada  
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro  
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios,  
e se irão os últimos escravos, e virão os primeiros camaradas;  
e a besta Belisa renderá os arrogantes corcéis da monarquia,  
e a vaca Belisa dará leite no curral vazio para o menino doentio,  
e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no cemitério  
se rirão se rirão porque os mortos não choram.

(“Os Bens e o Sangue”, *Ibidem*, p. 259)

À luz dessa percepção, a "pedra no meio do caminho" ganha uma outra conotação. Mas para não me limitar a Drummond, vale citar a poesia contemporânea de Ana Martins Marques:

### **Minas**

Se eu encostasse  
meu ouvido  
no seu peito  
ouviria o tumulto  
do mar  
o alarido estridente  
dos banhistas  
cegos de sol  
o baque  
das ondas  
quando despencam  
na praia

Vem  
 escuta  
 no meu peito  
 o silêncio  
 elementar  
 dos metais

(MARQUES, 2019, p. 78)

Em "Minas", Marques associa os metais a uma certa essência pessoal. Carregada da minha experiência subjetiva, sempre leio esse poema como um diálogo do eu-lírico mineiro e de um amante carioca, expressando parte de suas intimidades e identidades, enquanto o peito do interlocutor é carregado de um certo alvoroço – os banhistas, o tumulto do mar, a ambiência da praia –, no peito mineiro, "o silêncio elementar dos metais". É deste poema que deriva o nome do nosso projeto de filme documental.

No exemplo abaixo, o poeta Daniel Faria talvez debruce-se sobre o locus poético do que significa o gentílico "mineiro":

Trago os instrumentos do fogo  
 Ponho-os na boca  
 Ponho-os no coração

Trago os instrumentos da respiração  
 - Uma montanha, uma árvore que lhe dá abrigo-  
 E suspendo-os nos ramos como pinhas que dão sombra  
 Um lugar fresco para os deportados de São nas margens

Trouxe também os instrumentos dos mineiros  
 Uma luz na cabeça voltada para o pensamento  
 Um olhar profundo  
 O modo prisioneiro de virem livremente para fora

E trago todos os instrumentos na circulação do sangue e na ocupação permanente  
 Das mãos  
 Para o instrumento difícil  
 Do silêncio

(FARIA, 2016, p. 64)

Em um último exemplo, um poema sem título do oitocentista Gonçalves Dias. Ainda que o autor não seja mineiro, relata poeticamente uma face muito relevante da historiografia de Minas Gerais e do Brasil. O texto aborda as perversidades e crueldades que se cometeram pela cobiça extrativista: seja das riquezas minerais, agropecuárias ou qualquer outra.

Se vos perguntam por que tantos riscos se correram,  
 por que se afrontaram tantos perigos,  
 por que se subiram tantos montes,  
 por que se exploraram tantos rios,  
 por que se descobriram tantas terras,  
 por que se avassalaram tantas tribos:  
 dissei-o – e não mentireis: – foi por cobiça!

(GONÇALVES DIAS *apud* FIGUEIREDO, 2011, p. 8)

Após a apresentação de tantos poemas que de alguma forma parecem relacionar um sentimento melancólico à gênese mineradora de Minas Gerais, torna-se valoroso trazer à tona algumas das colocações de Theodor W. Adorno em seu texto "O Ensaio Como Forma" (2003). O autor critica a institucionalização do saber na modernidade, que delimita a ciência como locus de conhecimento, segregado da arte, tida como "uma reserva de irracionalidade" (ADORNO, 2003, p. 15). Este *modus operandi* estigmatiza qualquer produção que não elimine completamente a subjetividade. Dessa forma, Adorno defende que não só a ciência pode ser tomada como conhecimento, mas também a arte e o ensaio. Estes últimos configuram-se como fontes de conhecimento distintas da ciência, despertando experiências sensíveis e instigantes.

Assim, a percepção da melancolia mineira passou a permear não só minhas relações pessoais como também minhas perspectivas dessas obras poéticas. Mais que isso, a poesia tornou-se uma primeira fonte de conhecimento acerca dessa hipótese, o que confere ao projeto fílmico um caráter muito especial: o filme passa a ser um ensaio, uma confluência de historiografia, de olhares subjetivos – meus, de outros interlocutores e personagens – mas, principalmente, de poesia. As obras de Carlos Drummond de Andrade e Ana Martins Marques alimentam-me sinestesticamente com palavras, imagens, sons, memórias. A partir destas experiências de recepção artística, ainda que eu não vá debruçar-me sobre as histórias desses autores e seus textos, a poesia passa a compor o filme, torna-se sua forma, bem como parte de sua temática. O ensaio conjuga a racionalidade e as nuances da criação artística, tratando-se assim da forma ideal para conceber um filme que centra em percepções tão permeadas pela arte e pela experiência pessoal. Em resumo, esses encontros literários tornaram a ideia de fazer um filme acerca desses temas algo palpável.

## 1.2 Virada epistemológica

Ainda que a hipótese da melancolia mineira e mesmo sua associação com a gênese mineradora do estado parecem expressas em obras literárias, como as mencionadas

anteriormente, alguns desdobramentos de suas razões seguiam sendo enigmáticos: de que forma essa melancolia derivaria da atividade minerária?

O primeiro lugar em que busquei respostas foi a teoria freudiana psicanalítica, em principal na obra "Luto e Melancolia" (FREUD, 2013). Para Freud tanto o luto quanto a melancolia caracterizam-se por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão de interesse pelo mundo externo. Ambos são reações após a perda de algum objeto amado. Isso pode decorrer de maneira ideal, ou seja, o objeto não é algo que necessariamente morreu; pode ser, por exemplo, o fim de um relacionamento. Há, contudo, algumas importantes diferenças entre o luto e a melancolia. Primeiro, na melancolia, a perda do objeto estaria relacionada a uma retirada da consciência, enquanto no luto, nada na perda estaria relacionada ao inconsciente. A melancolia também caracteriza-se por um esvaziamento profundo do ego e não só do mundo externo, por isso existe um traço de autodepreciação no melancólico. Por fim, a melancolia diferencia-se pela identificação do sujeito com o objeto perdido, e este seria um ponto chave da relação do conceito freudiano no filme.

Houve uma escolha de objeto, uma ligação da libido a uma pessoa determinada; graças à influência de uma ofensa real ou decepção por parte da pessoa amada, essa relação de objeto ficou abalada. O resultado não foi o normal, uma retirada da libido desse objeto e o seu deslocamento para um novo, mas foi outro, que parece requerer várias condições para sua consecução. O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto, e sim se retirou para o ego. Lá, contudo, ela não encontrou um uso qualquer, mas serviu para produzir uma identificação do ego com o objeto abandonado. Desse modo, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação. (FREUD, 2013, p. 70)

Assim, ao buscar relações entre a melancolia psicanalítica e a hipótese da melancolia mineira, pode-se supor, em um âmbito poético e ensaístico, que o sujeito mineiro tem uma identificação com a glória perdida de Minas Gerais, com o ouro que se esgotou e deixou marcas em igrejas portuguesas ou, mais profundamente, na Revolução Industrial Inglesa (como explicarei mais à frente). Ou quiçá o mineiro também identifique-se com o progresso perdido dos milhares de comboios que carregam suas montanhas de ferro para a Inglaterra, os Estados Unidos ou até para a China.

Se o Brasil foi cunhado muitas vezes o "país do futuro", com forte ideário de um progresso prometido, Minas Gerais ocupa importante posto para essas noções, tendo sido a terra do "Eldorado português", local da descoberta de quantidades de ouro que o homem

“jamais tinha visto até então. Século e meio depois, Minas Gerais estabeleceu-se como a terra do ferro, o futuro aço do Brasil, com suas montanhas inteiras de hematita e uma máquina exploratória construída à altura, contando com algumas das maiores mineradoras do mundo, cavas, equipamentos e trens monstruosos. A glória do ouro, no entanto, pouco durou, pois os veios<sup>7</sup> esvairam-se e o progresso do ferro nunca chegou, já que o Brasil e Minas Gerais consolidaram-se como fornecedores amigáveis de matéria-prima para o norte global.

Essa relação perversa que fez e faz de Minas Gerais a terra de um futuro progresso prometido, perdido pela exploração predatória colonial, é um movimento similar ao que ocorre em localidades diversas do sul-global, que têm em comum a abundância de recursos minerais, combustíveis fósseis, entre outros. A respeito da América Latina, essas relações são muito bem demarcadas por Eduardo Galeano em sua obra "As Veias Abertas da América Latina" (2018). À exemplo:

Interpretando a natureza das relações “metrópole-satélite” ao longo da história da América como uma cadeia de subordinações sucessivas, [...] as regiões hoje em dia mais afetadas pelo subdesenvolvimento e pela pobreza são aquelas que, no passado, tiveram laços mais estreitos com a metrópole e desfrutaram períodos de culminância. São as regiões que foram as maiores produtoras de bens exportados para a Europa ou, posteriormente, para os Estados Unidos, e as mais caudalosas fontes de lucro: regiões abandonadas pela metrópole quando, por qualquer razão, os negócios decaíram. (GALEANO, 2018, p. 55)

Galeano também dedica um capítulo inteiro de seu livro à “Contribuição do ouro do Brasil para o progresso da Inglaterra”, no qual afirma: “No solo brasileiro nada restou do impulso dinâmico do ouro, exceto as igrejas e as obras de arte. [...] Minas Gerais caiu verticalmente em um abismo de decadência e ruína” (*Ibidem*, p. 88). Por sua vez, o autor Fábio Lucas, em seu livro "Mineiranças" (1991), também explora a fundo a falta de excedente econômico deixado pelo ouro em Minas Gerais:

[...] chegamos à conclusão que tamanha riqueza [das minas de ouro de Minas Gerais], tendo deixado importantes resultados na vida do país, foi incapaz de prolongar-se em outras atividades econômicas da mesma intensidade, ou de intensidade sequer aproximada. É que nos principais benefícios escoaram-se para Portugal primeiramente e, em caráter definitivo, para a Inglaterra, dentro dos naturais mecanismos do comércio internacional entre áreas dominantes e regiões dominadas.

[...]

---

<sup>6</sup> Sobre a exploração de ferro em Minas Gerais, comentaremos mais a fundo no capítulo 1.3.2 *Itabira*.

<sup>7</sup> Segundo o dicionário Michaelis, entre as definições da palavra "Veio" há a acepção: "Faixa estreita e comprida na terra ou na rocha que, por sua qualidade ou sua cor, se distingue da massa em que se acha interposta."

O excedente econômico da produção de ouro e de diamante ficaria com Portugal que, de certa forma, o malbaratou. A intensa atividade mineradora não constituiu, para nós, um polo de crescimento, já que as instituições existentes, impostas pelos interesses da metrópole, constituíram obstáculo invencível para que os propagassem os efeitos naturais daquela atividade. Regredimos a um estágio primitivo, quase exclusivamente de autoconsumo agrícola. (LUCAS, 1991, p. 21)

À luz de uma historiografia crítica acerca da exploração minerária dos solos de Minas Gerais, faz ainda mais sentido supor uma relação melancólica do sujeito mineiro com o objeto perdido das próprias entranhas minerais da sua terra – ainda que em um locus simbólico. No entanto, algo parecia pendente nessa explicação da "melancolia mineira": o fato de que são poucos os mineiros que podem lamentar a perda do ouro, do ferro e dos símbolos a esses associados. A noção psicanalítica não me parece desvalidada, mas sim incompleta, quando se tem em vista as abismais desigualdades socioeconômicas que circunscrevem o estado. É preciso ter em vista o panorama colonial e neocolonial quando se diz de um estado que dizimou quase completamente os povos originários que o habitavam e ocupa o assustador posto de capitania hereditária que, às alturas do século XIX, tinha o maior número de africanos em condição de trabalho escravo nas minas e na agropecuária. Estado onde, hoje, mais de um quinto da população vive em condição pobreza.<sup>8</sup> Dizer das riquezas minerais como objetos perdidos é verídico no momento em que se examina a elite mineira, detentora das posses e do poder econômico. Em suma, só pode lamentar a debandada dos metais e de seus capitais aqueles que um dia detiveram-nos mesmo que em um panorama simbólico, e que foram poucos. Tão poucos, que até em uma esfera de abstrações poéticas seria absurdo afirmar que essa falta representaria "os mineiros" no geral, ou os mineiros de determinados territórios.

O famoso poema "A Montanha Pulverizada", publicado originalmente no livro "Boitempo" (1986), de Carlos Drummond de Andrade, parece sugerir que essa melancolia resida em outros elementos. Vejamos:

Chego à sacada e vejo a minha serra,  
a serra de meu pai e meu avô,  
de todos os Andrades que passaram  
e passarão, a serra que não passa.  
Era coisa dos índios e a tomamos  
para enfeitar e presidir a vida  
neste vale soturno onde a riqueza  
maior é sua vista e contemplá-la.

---

<sup>8</sup> COSTA, Leise. 20,9% dos mineiros vivem na linha da pobreza, divulga IBGE, Belo Horizonte, 8 a 15 de dezembro de 2018. **Edição do Brasil**. Disponível em: <<http://edicaodobrasil.com.br/2018/12/13/209-dos-mineiros-vivem-na-linha-da-pobreza-divulga-ibge/>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.



De longe nos revela o perfil grave.  
 A cada volta de caminho aponta  
 uma forma de ser, em ferro, eterna,  
 e sopra eternidade na fluência.  
 Esta manhã acordo e  
 não a encontro.  
 Britada em bilhões de lascas  
 deslizando em correia transportadora  
 entupindo 150 vagões  
 no trem-monstro de 5 locomotivas  
 – o trem maior do mundo, tomem nota –  
 foge minha serra, vai  
 deixando no meu corpo e na paisagem  
 mísero pó de ferro, e este não passa.

(DRUMMOND, 2017, p. 61)

A serra a qual Drummond refere-se é o Pico do Cauê, primeiro empreendimento minerário da (então) Companhia Vale do Rio Doce (VALE, 2016), que explorou até a completa exaustão a serra que possuía altíssimo teor de pureza de hematita, um dos mais nobres minérios de ferro. Drummond toma nota das implicações socioeconômicas da exploração do minério, mas o que realmente promove sua angústia é o locus afetivo, onde ele perde "a riqueza maior" que é a vista da serra. É acordar de manhã e não poder mais contemplá-la, e não o fato de o eu-lírico não ter capitalizado a sua mineração.

Acredito que essas matérias mais afetivas estão muito bem expressas e até mesmo transcendem-se nas cosmologias indígenas. Saberes que tive contato, primeiro, pelas palavras de Ailton Krenak, e que revolucionaram minhas percepções acerca da relação dos mineiros para com o território que habitam. Inclusive mudaram os rumos das minhas suposições acerca da razão de sua melancolia. Toda a pesquisa, todos os signos, todas as conclusões nas quais eu havia chegado – inclusive muitas de minhas personalidades – transformaram-se.

Ailton Krenak diz, em seu livro "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo" (2020, p. 16): “Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza.” Neste trecho, Krenak expõe um princípio fundamental das cosmologias que torna esse conjunto de saberes, crenças e filosofias tão distante e ao mesmo tempo revolucionário para nós Ocidentais. Na perspectiva cosmológica, o homem é parte da natureza, a qual não existe para servir-se. Mais que isso, a natureza, todos os seres e elementos que a compõem são seres vivos, dotados de subjetividade.

No prefácio da edição brasileira de "O Bem Viver" (2016), de Alberto Acosta, Célio Turino sintetiza as relações de subjetividade da natureza estabelecidas por povos originários:

Para nossos irmãos indígenas do Xingu, o mundo é povoado por muitas espécies de seres, não somente dos reinos animal e vegetal, mas também os minerais, a água, o ar e a própria Terra, que contam com espírito e inteligência próprios – ou ajayu, em aymara, no Altiplano boliviano. Todos esses seres são dotados de consciência, e cada espécie vê a si mesma, e às outras espécies, a partir de sua perspectiva. Com esta sabedoria somos levados a compreender que a relação entre todos os seres do planeta deve ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que cultura e natureza se fundem em Cultura. (TURINO, Prefácio *in*: ACOSTA, 2016, p. 15)

Acosta afirma que os indígenas não são pré-modernos ou atrasados, como a antropologia anteriormente pregou e como muitos integrantes da sociedade moderna capitalista têm como crença enraizada (*Ibidem*, p. 24). Quando se tem em vista a teoria do Antropoceno (ARTAXO, 2014, p. 15) – a qual defende uma nova era geológica em que processos desempenhados pelo ser humano têm alterado permanentemente a Terra, vide as extinções de espécies, a mudança climática inédita nos últimos 11 mil anos, a alteração na composição atmosférica e no curso dos rios e, mais recentemente, a pandemia global do COVID-19 – torna-se ainda mais pertinente pensar as cosmologias indígenas como um saber ancestral, revolucionário e enunciador de uma relação indissociada entre humanos e natureza, onde a humanidade é a natureza, como também atentar contra esta seria atentar contra si mesmo.

Ailton Krenak (2020, p. 18) conta-nos de povos que interagem com montanhas, árvores e rios. Não só no Brasil, na Amazônia ou nos Andes, mas nos Estados Unidos, na África e em todo o mundo. Eles festejam as montanhas, oferecem-lhes comida, recebem presentes delas. Compreendem o humor dos elementos da natureza, que muitas vezes podem afetar o seu cotidiano. Esses elementos da natureza são sagrados para muitos povos e guardam os espíritos de seus ancestrais.<sup>9</sup> Os Krenak são um povo indígena cuja terra é demarcada no município de Resplendor, leste de Minas Gerais. Sua aldeia é cortada pelo Rio Doce, que antes de ter esse nome, era chamado por eles de Watu. Ailton Krenak acrescenta:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (KRENAK, 2020, p. 40)

---

<sup>9</sup> KRENAK fala sobre a história de sua família indígena no Rio Doce. [S. l.]: **Museu da Pessoa**, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rltEIJXtljc>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

Após o rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Bento Rodrigues, tornou-se muito comum dizer que o Rio Doce morreu, tomado pela lama tóxica. Para os Krenak, quem morreu foi o Watu, seu avô.

Assim, no meu ideário branco, colonizado, é triste pensar em todo o ouro que perdemos para a metrópole. É revoltante a magnitude do genocídio dos indígenas, da escravidão, do mar de lama das barragens. Angustia-me constatar que a montanha que vejo da janela, a Serra do Curral, é oca, e que o minério que dela segue sendo extraído é amigavelmente vendido para o Primeiro Mundo, deixando para nós, mineiros, apenas a visão de uma casca de montanha, em perigos de ruir. Mas, para os Krenak, essas perdas têm uma conotação que vai muito além da falta de recursos. Eles perderam entes queridos. Essa subjetivação da natureza, muito longe de tratar-se de uma credence, é uma filosofia, um modo de entender a terra e a vida e que pode, muito bem, salvar-nos. Conforme escreveu Lévi Strauss:

Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça do ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. [...] Emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção [se refere ao xamã Yanomami Davi Kopenawa], como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende nossa própria sobrevivência. (STRAUSS, 1993, *apud* ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 5)

Carregada das cosmologias e de reflexões acerca delas, retornei às origens. É perturbador perceber que o gentílico – como citado anteriormente, o adjetivo que define origem e pertencimento – dos nascidos em Minas Gerais seja "mineiro", palavra que designa também operários que trabalham em minas. O gentílico, que deveria dizer de pertencimento para com a terra, diz da atividade de extrativismo das suas entranhas minerais. Em uma perspectiva, essa relação perversa é fatal: já nascemos sendo mineiros, condenados à cadeia extrativista. Residiria a melancolia do sujeito mineiro no fato de que ele não tem um vínculo verdadeiro com a terra? O filme, agora, pretende versar sobre a ligação do mineiro com o território que habita e os recursos provenientes dele.

Para além de suas cosmologias, é reveladora a simples conotação do termo "indígena", que se refere, literalmente, a "originário de determinado país, região ou localidade; nativo".<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> INDÍGENA. *In*: Dicionário online Michaelis, 2020. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/indigena/>>. Acesso em 08 de ago. de 2020.

Nada mais chocante do que se contrapor, mesmo em termos de acepção "indígena" e "mineiro".

### **1.3 Anedotas dos Territórios e Seus Modos**

"O Silêncio Elementar" é um filme que versa e reflete sobre a relação do ethos melancólico mineiro e de sua possível associação com o extrativismo minerário do estado. À vista disso, é preciso ressaltar que a atividade minerária é a gênese de Minas enquanto parte do território brasileiro, e que sua história está fundamentalmente interligada à mineração. São inumeráveis os eventos relacionados à mineração que se passaram em Minas Gerais ao longo dos 300 anos desde o início da colonização.

É desafiador selecionar histórias e cidades para compor o filme, é necessário que elas relacionem-se especialmente com as questões básicas sobre as quais o filme se debruça. Para tanto, os quatro territórios indicados para compor a narrativa são: Belo Horizonte, Itabira, a terra Krenak (demarcada no município de Resplendor) e Grão Mogol, no norte de Minas. Todos estes territórios têm suas histórias entrelaçadas com a atividade minerária, porém, de maneiras muito distintas.

Nas próximas páginas segue uma apresentação sobre cada um dessas localidades e das razões pelas quais foram escolhidas para compor o corpo filmico.

#### *1.3.1 Belo Horizonte*

*"Onde a riqueza maior é a sua vista e contemplá-la."*

(DRUMMOND, 2017, p. 61)

Uma grande cidade latino-americana como qualquer outra, cosmopolita, por vezes, atravessada por signos bucólicos da ruralidade.

Belo Horizonte apresenta uma silhueta muito peculiar: junto dos edificios altos e modernos, uma cadeia de serras desenha o horizonte. A cidade situa-se aos pés da Serra do Curral, que define os limites da porção sul. Não poderia ser diferente para a capital de um estado referenciado pela conformação geológica montanhosa.

As convulsões da placa tectônica sul-americana, há milhões de anos, garantiram calma ao território de Minas Gerais. A marcante silhueta serrana das cidades evoca hipóteses sobre os efeitos da geologia no ethos dos habitantes. O historiador João Camilo de Oliveira Torres, em seu livro "O Homem e a Montanha – Introdução Ao Estudo Das

Influências da Situação Geográfica Para a Formação do Espírito Mineiro" (2011, p. 184-185), creditou à conformação geológica montanhosa do estado o perfil "silencioso, sóbrio, tradicionalista e provinciano" do mineiro. No entanto, pergunto-me: o que tem para além das serras?

A vista imponente da Serra do Curral preside a vida de muitos belo-horizontinos, cerca-os, separa-os e esconde um segredo. A serra que os moradores da capital contemplam e que gerações anteriores contemplaram, hoje é oca do outro lado, longe dos nossos olhos. É a mineração que consome a serra logo que ela deixa de pertencer a Belo Horizonte e passa a estar no município de Nova Lima.

**Figura 2** - Vista da Avenida Afonso Pena, Serra do Curral ao fundo



Fonte: Flickr Rita de Cassia Almeida, autor desconhecido<sup>11</sup>

Muito embora Belo Horizonte se situe na margem do Quadrilátero Ferrífero, região cuja estrutura geológica configura-se como uma das mais importantes reservas minerais do país (RUCHKYS, 2013), não por acaso quase não houve projetos minerários em toda a sua história. É uma cidade que corrobora para a imagem de uma Minas Gerais que possui a mineração apenas em seu passado, que está além do que toca os olhos. A capital está cercada

---

<sup>11</sup> Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/rcassia/4754469863/>>. Acesso em 15 de ago. de 2020.

por cavas por todos os lados, e não só naquele que talvez seja seu maior símbolo, seu marco inicial: a Serra do Curral. Belo Horizonte é quase uma ilha em meio à mineração.

Uma linha ferroviária rasga o coração da cidade em plena Praça da Estação, é como um rastro do ferro. São vagões, às vezes carregados de minério ou de aço, rumo aos portos cargueiros do litoral do país.<sup>12</sup> Não fosse também uma simbólica lenda urbana que conta haver, ali perto, nos subsolos da Praça Sete – o “centrão” máximo da cidade, com seus vendedores ambulantes, prédios de burocracias, escritórios, lojas populares e bares –, uma mina de ouro subterrânea. É possível que alguns senhores belo-horizontinos, às três da tarde no Café Nice<sup>13</sup>, afirmem com convicção que sob seus pés corre a Mina do Morro Velho, tão grande quanto uma cidade, tão antiga quanto Belo Horizonte; uma das mais profundas do mundo. Sua entrada localiza-se também no município de Nova Lima, um dos que mais cresce pela mineração no Brasil hoje.<sup>14</sup>

**Figura 3** - Vista aérea do desmoronamento na cratera da Mina de Águas Claras, Serra do Curral

---

<sup>12</sup> A cidade de Belo Horizonte é cortada por duas malhas ferroviárias de trens de carga: malha ferroviária da MRS e pelo corredor da VLI. Ver mais em: <https://www.mrs.com.br/clientes/servicos-expressos/> (acesso em 15 ago. 2020); e em: <https://www.vli-logistica.com.br/conheca-a-vli/corredores-logisticos/corredor-minas-rio/> (acesso em 15 ago. 2020).

<sup>13</sup> O Café Nice é uma das mais antigas e tradicionais cafeterias do centro de Belo Horizonte. Fundada em 1939, a casa ficou famosa pelos frequentadores membros da intelectualidade política mineira e segue em funcionamento até hoje.

<sup>14</sup> Mais de 2.000 Vagas de Emprego. **Prefeitura de Nova Lima**, 2019. Disponível em <<https://novalima.mg.gov.br/uploads/jornal-a-cidade/arquivos/1564773013nABDsz.pdf>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.



Fonte: Blog do fotógrafo, Fernando Rabelo (2014)<sup>15</sup>

### 1.3.2 Itabira

*"Cada um de nós tem o seu pedaço no Pico do Cauê."*  
(DRUMMOND, 1967, p. 58)

O nome "Itabira" desperta, se muito, uma reminiscência por tratar-se da terra natal do poeta Carlos Drummond de Andrade. Ademais, a cidade mediana do interior de Minas Gerais pode ser considerada uma espécie de berço da mineração do ferro no Brasil, pois foi o primeiro local em que a mineração passou a ocorrer em cadeia industrial (GUIMARÃES; MILANEZ, 2017, p. 216). São notórios os entrelaçamentos da exploração do minério no cotidiano social de seus habitantes; isto é, a mineração está intrínseca em sua história, sua geografia, sua economia. A cidade está cercada pelas serras carcomidas, fechada em si e encarando, permanentemente, a falta.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://imagesvisions.blogspot.com/2014/02/o-desabamento-da-serra-do-curral.html>>. Acesso em: 05 de mai. de 2020.

A vila Itabira do Mato Dentro era um arraial do sertão mineiro como outro qualquer, não fosse o seu brilho tão característico: o povoado sempre teve seus ares cosmopolitas. Em 1848 perde o "Mato Dentro", deixa de ser vila e torna-se uma cidade, apenas "Itabira" (IBGE, 1959 & MARTINS *apud* FERREIRA, 2015, p. 40).

Há muitos anos, existia ali uma montanha de pedra azul brilhante; o seu nome era Cauê. Os colonos que chegaram naquela terra, ainda no século XVII, dizimaram o povo indígena que ali vivia e construíram uma cidade (FERREIRA, 2015, p. 36). A vila dos colonos roubou dos habitantes originais não só vidas, mas o seu nome: a terra passou a ser "Itabira do Mato Dentro", a "pedra que brilha",<sup>16</sup> e Cauê tornou-se Pico do Cauê. A história de Itabira é tão indissociável dos trajetos da mineração quanto do Pico do Cauê, serra que podia ser vista de todos os bairros e também demarcava o clima local, a qual imperava sobre a cidade. Serra que se configurou no primeiro projeto minerário de grande porte no Brasil, que inaugurou as atividades minerárias da Companhia Vale do Rio Doce (VALE, 2016).

À altura de 1910 abriram um mapa de Minas Gerais em Estocolmo, na Suécia. Era mais uma reunião de homens brancos importantes, o Congresso Internacional de Mineralogia, com alguns dos maiores investidores norte-americanos e britânicos da época. Apresentaram uma descoberta: um tesouro escondido nos subsolos de Minas Gerais, no interior do Brasil. Itabira, então, tinha as ruas feitas de ferro e guardava a maior e mais pura parte do tesouro (WISNIK, 2018, p. 78).

A corrida de empreendimentos que começava denunciava a importância do acontecimento: *Brazilian Hematite Syndicate, Itabira Iron Ore Company, Brazilian Iron Ore Company* (FERREIRA, 2015, p. 62). Uma ferrovia estava em construção que iria dali do sertão até um porto, e deste para o Primeiro Mundo (VALE, 2012, p. 27 *apud* FERREIRA, 2015, p. 62). Os itabiranos presenciavam, a seus olhos, o futuro chegando no Brasil.

Em 1942, o presidente Getúlio Vargas cria a Companhia Vale do Rio Doce, no intuito de que a riqueza dos minérios permanecesse no Brasil, mas em termos muito amigáveis para o capital estrangeiro. O arranjo era simples: os ingleses cedem as minas de Itabira, dentre elas, o Cauê. Os americanos financiam. Os brasileiros finalizam as obras da ferrovia até o porto. E até o final da Segunda Guerra Mundial, uma tonelada e meia de minério a custos ínfimos para os Aliados.<sup>17</sup> A guerra acabou e a empresa ainda engatinhava. Havia muitos débitos do acordo não cumprido e altos cargos da empresa foram ocupados por norte-americanos, o que

---

<sup>16</sup> HISTÓRIA de Itabira. **Portal do Turismo de Itabira**. Disponível em:

<<http://turismo.itabira.mg.gov.br/historia-de-itabira/>>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

<sup>17</sup> Wisnik traça um detalhado panorama das negociações que ocorreram durante o governo Vargas para abertura da Companhia Vale do Rio Doce no capítulo "Batismo de Sangue", de "A Maquinação do Mundo" (2018).



exemplifica os itabiranos recordarem-se de vários "Misters" pelas ruas – executivos e engenheiros da Vale.<sup>18</sup> Mister Lawrence, Mister Frank, Mister William e vários outros levavam Itabira para dentro do ideário do progresso. Era o aço da montanha azul de Itabira que faria o país do futuro tornar-se rico no presente, por esse motivo houve uma forte migração para a cidade. O município de Itabira, com uns poucos milhares de habitantes, passou a ser a capital do prometido progresso do país, o futuro aço.

O progresso tinha um jeito estranho. No começo, eram barulhos altos, explosões (*Ibidem*, p. 93). E aí, partes da cidade ficavam cobertas de fumaça. Eram dinamite e minério no ar, para que o Pico do Cauê coubesse nos vagões do trem. E o progresso era levado para o "Primeiro Mundo", em um trem enorme, integrado ao porto de Vitória, pela Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Criaram-se novos bairros "funcionais", setorizados; uns para operários, outros para engenheiros, outros para executivos (*Ibidem*, p. 73). Cursos para formação de técnicos de mineração.<sup>19</sup>

Os subsolos de Itabira e de outros lugares do Brasil erguem, hoje, edifícios em Shangai. A China é o país que mais compra minério de ferro da empresa (PINTO, 2013, p. 5), que cresceu tanto que perdeu o Rio Doce e tornou-se, simplesmente, "Vale".

Passados 70 anos, muita coisa mudou. Os 200 mil contos de réis se transformaram em um lucro líquido de 22,9 bilhões de dólares em 2011, a Estrada de Ferro Vitória a Minas multiplicou-se por novos caminhos, a antiga CVRD partiu de Itabira, conquistou Carajás e ganhou o mundo. Hoje é simplesmente Vale – ou "simplesmente" a segunda maior mineradora do planeta. [...] Com 139 mil empregados atuando em 37 países, a Vale produz ferro, cobre, níquel, carvão, fertilizantes e mais uma dezena de produtos; trabalha em conjunto com as comunidades; incentiva a cultura e fomenta a educação; aprendeu o significado da palavra sustentabilidade; preserva florestas; constrói seus navios e seus portos; investe em tecnologia e inovação; apoia e faz pesquisa científica com o Instituto Tecnológico Vale (ITV); apostou em Carajás; teve a inteligência de perceber as oportunidades que começavam a aparecer na China; enfrentou e venceu crises; atingiu recordes sucessivos e, por tudo isso, tem suas ações negociadas nas bolsas de valores de diversos países. (VALE, 2012, p. 13 *apud* FERREIRA, 2015, p. 65).

<sup>18</sup> A presença norte-americana em Itabira, por conta da Vale, está descrita em entrevistas do site Museu da Pessoa. Por exemplo: GONÇALVES, Fernando José. Secretário Faz Tudo. [Entrevista concedida a] Museu da Pessoa, 16 de out. de 2015. Disponível em <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/secretario-faz-tudo-110106>>. Acesso em 28 de mai. de 2020.

<sup>19</sup> VALE firma acordo para investir em educação e empreendedorismo de base tecnológica em Itabira. **Vale**. Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/vale-firma-acordo-para-investir-em-educacao-e-pesquisa-tecnologica-em-itabira.aspx>>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

Em uma cidade em que o aço promete progresso há mais de um século, já foram algumas serras que desapareceram. O Pico do Cauê foi uma das mais marcantes, é uma ferida no coração de Itabira. Vista de cima, a terra natal de Drummond divide seu território urbano com as cavas e as barragens. É difícil dizer quem ocupa mais espaço, se é a cidade ou a mineração. É como se a Vale não se situasse em Itabira, mas é Itabira que se situa na Vale. Quanto aos cidadãos de Itabira, ocorre algo parecido. Trabalhar na "Mãe-Doce", como é popularmente chamada (*Ibidem*, p. 88), é uma honra máxima, é trabalhar com e para o progresso. É ter um plano de saúde de qualidade, férias remuneradas e uma série de outras "regalias" do capitalismo neocolonial que toma conta. Só se é verdadeiramente um "sujeito" quem trabalha para a empresa. O povo é refém da Vale não só enquanto na instância político-econômica, mas também cognitivamente. (*Ibidem*, p. 83.)

**Figura 4** - Foto de satélite do perímetro urbano de Itabira e as estruturas minerárias próximas



Fonte: Google Maps <sup>20</sup>

A montanha azul sumiu. Foi convertida em bilhões de pedacinhos, que foram do azul ao vermelho. O Pico do Cauê possuía alta pureza de hematita; para a indústria, um dos mais nobres minérios de ferro.<sup>21</sup> O nome "hematita" tem origem etimológica híbrida. "Hema", vem do grego e significa "sangue" (CORDEIRO, 2018, p. 200). "Ita", por sua vez, vem do tupi e designa "pedra" (*Ibidem*, p. 225). Ela seria, assim, a "pedra de sangue". Quando os grandes blocos de cor azulada são quebrados em pequenas lascas, eles assumem um tom

<sup>20</sup> Na imagem, a linha vermelha circunscreve o perímetro urbano de Itabira, enquanto a linha verde circunscreve as áreas de atividade minerária. Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Itabira,+MG/@-19.6467946,-43.2815528,13878m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xa5a113d676be4b:0xa1b1df8c51582d718m2!3d-19.6244172!4d-43.2316363> Acesso em: 22 de jun. de 2020

<sup>21</sup> "A luz intensa daquele monte vinha da hematita, um mineral de brilho metálico e tom avermelhado quando em pó. No início do século 20, algumas mineradoras estrangeiras chegaram a atuar no local. Com a criação da então Companhia Vale do Rio Doce, em 1942, a Mina do Cauê passou a ser operada pela nossa empresa. Rica em ferro a hematita, exigia pouco trabalho e nenhum processo de beneficiamento, mas muito esforço braçal para ser extraída e transportada." PICO do Cauê. **Vale**. Disponível em <http://www.vale.com/brasil/PT/initiatives/environmental-social/mina-do-caue/Paginas/default.aspx> Acesso em 22 de jul. de 2020.

avermelhado.<sup>22</sup> A pedra do sangue encheu vagões em Itabira, fez guerras e edifícios no Primeiro Mundo. Foi convertida em rejeitos. Foi convertida na falta.

Os bairros mais pobres começam onde terminam as barragens de rejeitos de minérios. Hoje, a cidade vive a ameaça da "lama invisível" em vários pontos, isto é: o risco eminente do rompimento dessas barragens de rejeitos, que levariam consigo inúmeras vidas.

São algumas das bases desse povo estranhamente cosmopolita e provinciano ao mesmo tempo. Ademais, se viver cercado por serras é definidor da identidade de um sujeito, o que acontece quando a serra some, levada em um trem de centenas de vagões?

**Figura 5** - Montagem comparativa do Pico do Cauê antes e após o extrativismo minerário



Fonte: Blog 30 anos sem Drummond (2017) <sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> HEMATITA. **M M Gerdau**. Disponível em: <<https://www.mmgerdau.org.br/descubra/inventario-mineral/hematita/>>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

<sup>23</sup> Disponível em <<https://drummond30anos.wixsite.com/30anossem drummond/itabira-minerio>>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

### 1.3.3 Terra Krenak

#### *O recado do rio*

Os vagões que levaram o Pico do Cauê para o porto de Vitória continuam levando outras serras mineiras e cruzam a terra Krenak, a leste do estado.<sup>24</sup>

A aldeia situa-se no caminho entre Itabira e Espírito Santo. Ali, contempla-se a Takrukak, a serra cujo nome significa "pontas viradas para o céu". A montanha é a avó dos Krenak. Ela está do outro lado do Watu. Antes dos brancos chamarem esse rio de "Rio Doce", os Krenak já o conheciam como o Watu. O Watu é o seu avô (KRENAK, 2020, p. 40). Todos os dias os Krenak observam os elementos da terra que os cercam. Conversam com eles e conforme respondem, os Krenak sabem o que podem e o que não podem fazer. Se há nuvens na Takrukak, ela está de mau humor e vai chover. "Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: 'Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser'" (*Ibidem*, p. 18).

Conversar com a natureza não é um hábito restrito ao povo Krenak:

Assim como aquela senhora hopi que conversava com a pedra, sua irmã, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (*Ibidem*, p. 18)

No dia 4 de novembro de 2015, uma senhora Krenak sonhou que as águas do Watu corriam ao contrário. No dia seguinte, ocorreu um dos mais trágicos episódios da história brasileira, considerado o maior desastre socioambiental do país.<sup>25</sup> Era coisa dos brancos, mas como tem sido regra nos últimos séculos, afetou muito e diretamente os indígenas. O rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Bento Rodrigues poluiu mais de 700km

<sup>24</sup> POVO indígena Krenak segue lutando por reconhecimento e demarcação total de seu território tradicional. **Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil**, 2018. Disponível em <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=mg-povo-indigena-krenak-segue-lutando-por-reconhecimento-e-demarcacao-total-de-seu-territorio-tradicional>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

<sup>25</sup> SERRA, Cristina. Tragédia em Mariana: livro retrata história do maior desastre ambiental do Brasil. **EBC**. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/natureza-viva/2018/11/lancamento-do-livro-tragedia-em-mariana-historia-do-maior-d-esastre-ambiental>>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

do Rio Doce com resíduos tóxicos. A fauna e a flora do rio morreram e a sua água é, até hoje, imprópria para consumo. Os Krenak foram uma das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem. Atualmente, toda a água utilizada pelos Krenak chega em caminhões-pipa, e já não podem mais pescar ou nadar no rio.<sup>26</sup>

No entanto, aqui é preciso trazer à tona a especificidade da relação que esse povo estabelece com este rio. "Indígena", como anteriormente citado, quer dizer aquele que é originário ou próprio de uma localidade, e a relação que um povo indígena estabelece com a terra é de pertencimento, respeito, coexistência. Entendem a natureza e a si mesmos como iguais. Dessa forma, o Watu não é apenas uma fonte de água e peixes, é uma pessoa, um espírito, um avô que ensina às novas gerações tradições e saberes milenares que esse povo preservou em comunhão com a natureza. Desde o rompimento da barragem de Bento Rodrigues, os Krenak estão órfãos e acompanham um organismo em coma. (*Ibidem*, p. 41)

À luz dos ensinamentos do povo Krenak, o filme passa por um momento de virada. O pensar e o viver, norteados pelo capitalismo extrativista que circunscreve as relações sociais, econômicas e até pessoais que vimos em Itabira e Belo Horizonte, provocavam sentimentos de angústia e melancolia. Ao adentrarmos as cosmologias indígenas, as críticas a esses modos ganham novos contornos. Como escreve o intelectual Alberto Acosta:

[...] aceitamos a devastação ambiental e social em troca de alcançar o “desenvolvimento”. Pelo desenvolvimento, para citar um exemplo, aceita-se a grave destruição humana e ecológica provocada pela mega mineração, mesmo sabendo que ela aprofunda a modalidade de acumulação extrativista herdada da colonização – e que é uma das causas diretas do subdesenvolvimento. (ACOSTA, 2016, p. 51)  
Compreende-se, paulatinamente, a inviabilidade do estilo de vida dominante. O crescimento material sem fim poderia culminar em suicídio coletivo. A concepção – equivocada – do crescimento baseado em inesgotáveis recursos naturais e em um mercado capaz de absorver tudo o que for produzido não tem conduzido nem conduzirá ao desenvolvimento. (*Ibidem*, p. 34)

Diferente do que o senso comum talvez ainda dite, os indígenas não são uma civilização arcaica e suas relações subjetiva e de igualdade para com a natureza não se restringem à ordem da magia ou da religião. Depois de perceber a ruína que a nossa sociedade do extrativismo mineral construiu para si mesma, principalmente partindo da história de Itabira, os saberes Krenak trazem à tona a urgência de superar-se a segregação

---

<sup>26</sup> KRENAK – VIVOS NA NATUREZA MORTA. EP 01 A LAMA MATOU NOSSO RIO. Coordenação de Produção: Ângela Santos. Criação, Direção e Roteiro: Andrea Pilar Marranquiel. Canal Futura, 2017. 1 vídeo (13 minutos). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=4ng52AN3bmI&list=PLxkC\\_UNAIMW4HRDeY4P6drY0Q-i51Sr58&index=18&t=565s](https://www.youtube.com/watch?v=4ng52AN3bmI&list=PLxkC_UNAIMW4HRDeY4P6drY0Q-i51Sr58&index=18&t=565s)>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

histórica que se estabeleceu entre a natureza e o ser humano, divórcio que vem colocando em risco a nossa própria existência.

#### 1.3.4 *Grão Mogol e os Geraizeiros*

*“Sertão: é dentro da gente.”*

(GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 435)

O que é o Sertão? De forma simplificada, o termo que se consolidou ainda no Brasil colônia designava, pejorativamente, terras distantes do litoral e do poder da Coroa. Esta não detinha informações ou controle sobre as regiões sem povoamentos urbanos e habitadas por indígenas (AMADO, 1995, p. 147-148). "Gerais", a grosso modo, é uma denominação do sertão do norte de Minas Gerais, e os Geraizeiros são quem os habitam.

Geraizeiros são chamados os camponeses da porção de Cerrado no Norte de Minas Gerais – bem como noutras localidades, sobre as quais se estendem os Gerais, destacadamente o Noroeste do estado de Minas e o Oeste da Bahia, aonde a alcunha ainda é corriqueiramente utilizada. *Gerais*, grosso modo, pode ser aqui entendido como sinônimo de Cerrado, paisagem que, no Norte de Minas Gerais, teve grande parte de sua extensão convertida em maciços de eucalipto, desde a década de 70. (NOGUEIRA, 2009, p. 15)

A pesquisadora Mônica Celeida Rabelo Nogueira, no trabalho "Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais" (2009), muito bem sintetiza um panorama histórico e identitário dos Geraizeiros, informações que correm nos próximos parágrafos. A região dos Gerais estabeleceu-se ao longo da colonização do Brasil por uma falta de riquezas minerais em seus subsolos e pela pobreza dos solos, ruins para o plantio. Essas características culminaram na falta de empenho no controle e nos investimentos por parte da Coroa, cuja dedicação centrou-se ao longo da história de Minas Gerais, quase que exclusivamente na região das minas de ouro. Um outro fator fundamental para a consolidação social do local foi a criação de gado como atividade econômica predominante. O gado é uma mercadoria que se conduz, além de ser, concomitantemente, fonte de alimento.

Habitada por indígenas, bandeirantes portugueses e paulistas que debandaram das Minas, e por negros, em sua maioria alforriados, a identidade Geraizeira se constrói um tanto quanto alinhada ao bioma dos Gerais, uma vez que a fortuna extrativista não se fazia presente ali. Na historiografia, a identidade geraizeira e seu modo de relacionar-se com a terra sugere

uma continuidade ou unidade cultural dos povos indígenas, tendo apropriado saberes relacionados à biodiversidade da região. Isso permitiu que os Geraizeiros, ao longo dos séculos, embora habitem uma região de solos ácidos e pobres, alimentem-se com diversidade e construam seus pratos quase que exclusivamente daquilo que plantam. Compreende-se a especificidade de cada solo, sua umidade, fertilidade, a época do ano. Todas essas leituras permitem o plantio de mandioca, andu, abóbora, cana de açúcar, milho, arroz, feijão.

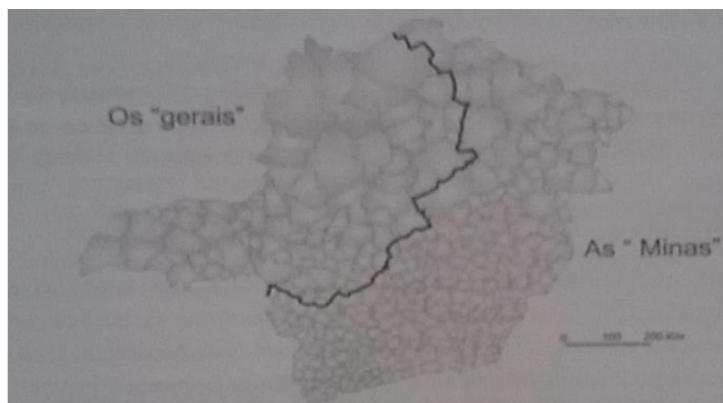
O povo Geraizeiro (também conhecidos como Geralistas ou Chapadeiros) tem sido ameaçado pelas forças do extrativismo capitalista, principalmente após os anos 1970, com o plantio predatório de eucalipto em suas terras. Uma série de movimentos de luta e resistência sociais vêm firmando-se e, junto dessas iniciativas, o estabelecimento de assentamentos, reservas que promovem a reconstrução do sistema de produção tradicional Geraizeiro, bem como a valorização dos saberes característicos desse povo. O município de Grão Mogol abriga o assentamento de Americana que conta com 76 famílias geraizeiras e caatingueiras – um outro povo tradicional.

O contato com os Gerais e seu povo evoca algumas novas questões. Sendo um povo tradicional, de modo de vida tão alinhado com a terra que habitam, não seriam os Geraizeiros um povo indígena? Vale lembrar que "indígena" refere-se aquele que é vinculado à terra, que não necessariamente corresponde à idealização do índio de quinhentos anos atrás.

É popularmente reproduzido que o nome Minas Gerais refere-se à quantidade e à variedade de minas de pedras preciosas na região. Contudo, ao chegar no conhecimento de que a macrorregião do norte-mineiro é chamada "Gerais", e que ao longo da colonização assentou-se em oposição à região das Minas – em termos de urbanização e presença de aparatos institucionais da metrópole –, o nome do estado faz-se questionar.

**Figura 6** - Mapa de os "Gerais" e as "Minas"





**Fonte:** IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Vol XXIV”. Rio de Janeiro, 1958: Desenho Itamar Gonçalves.

Surge a hipótese de que o nome refira-se, na realidade, a um estado que une duas regiões distintas: as Minas e os Gerais. Dessa forma, os Geraizeiros tomam o corpo fílmico ilustrando um modo de vida que destoa do extrativismo capitalista da mineração, bem como escancarando a relação desenvolvimentista perversa que nós, mineiros, estabelecemos de maneira mais ou menos direta com a terra. Maneira esta que nos conferiu o fardo do gentílico-profissão: mineiros.

## 2 A FORMA DO FILME

*Não ter pressa  
filmar o tempo que passa  
os silêncios  
os vazios  
os tempos mortos  
filmar algumas coisas  
acompanhar  
seguir  
fazer companhia  
ficar com alguém  
ocupar-se do que está vivo  
o cinema documentário  
numa palavra  
tem interesse na parte  
não acabada do mundo*

(Jean-Louis Comolli, 2010 *apud* Guzmán, 2017, p. 53)

**Figura 7** - Menino solta pipa. Ao fundo, cavas de mineração.



Fonte: Arquivo pessoal

### 2.1 O Ensaio

Em primeiro lugar, é preciso fazer algumas considerações acerca do ensaio a fim de compreender sua função no corpo filmico.

Suas bases surgiram na literatura francesa do século XVI. Coube ao filósofo Michel de Montaigne inaugurá-lo por meio de uma prosa pessoal, versando banalidades e potências

do cotidiano. A introdução do termo no campo literário, contudo, não significou uma padronização formal para os próximos textos ensaísticos que se seguiram (SIQUEIRA, 2006, p. 15). Longe disso, a pluralidade sempre atravessou o campo do ensaio na literatura em uma diversidade de temas e estilos.

A cineasta e pesquisadora Marília Rocha de Siqueira escreve:

O que se torna evidente [...] é que o ensaio não engloba uma unidade estilística ou temática, e nem mesmo um modo delimitado de composição. Ele chega, inclusive, a suspender algumas fronteiras entre certos gêneros textuais e [...] também cinematográficos. Seus objetos e abordagens são tão variados que seria impossível fixar regras que se aplicassem a todas as suas manifestações. **Não há leis reguladoras em tais textos**, sendo que a única maneira de os reconhecermos está nos traços específicos desenvolvidos por cada autor, em cada obra. (SIQUEIRA, 2006, p. 15, grifo nosso)

A ausência de leis reguladoras evoca no ensaio um certo "espírito de liberdade", como foi observado por Theodor W. Adorno (2003, p. 16), ao dizer que o gênero não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito. Embora a liberdade e a ausência de padrões estejam em sua fórmula básica, pode-se sustentar que o gênero ensaístico, por mais diverso que seja, pode ser dotado de certas potências comuns. O escritor francês Robert Musil sintetiza algumas dessas qualidades:

Os pensamentos do ensaio não podem estar dissociados de um terreno onde se fundem os sentimentos, a vontade, as experiências pessoais e as combinações de grupos de ideias que não recebem nem dão sua luz plena senão na atmosfera puramente física de uma dada situação interior. Longe de reivindicar uma validade geral, eles agem como seres que nos apanham e nos escapam sem que nossa razão possa saber capturá-los, contaminando nosso espírito de germes incontroláveis. (MUSSIL, 1984, p. 417 *apud* SIQUEIRA, 2006, p. 17)

Portanto, os ensaios, tanto literários quanto fílmicos, são obras que esboçam visões pessoais sobre um determinado tema, sem pretender esgotá-lo. Seu caráter pode aproximar-se do opinativo ou impressionista, inclusive pode situar-se entre o poético e o didático.

O ensaio constitui-se, assim, como a forma ideal para o documentário "O Silêncio Elementar", filme que trata de alguns temas tão etéreos quanto outros cerebrais e historiográficos. Filme que propõe um transformador exercício antropológico como premissa básica do seu fazer e ambiciona nunca deixar de lançar mão das leituras poéticas do mundo. Um filme que, por fim, não pretende construir uma tese que comprove ou demonstre cientificamente a existência de um ethos melancólico mineiro associado a atividade extrativista minerária. Longe disso, propõe uma divagação que parte da subjetividade da

diretora, de atravessamentos de outras subjetividades e outros modos de pensar e, por fim, dirige-se a um público, para que este finalmente verse suas próprias reflexões. Segundo Corrigan “[...] uma das principais características do ensaio passa a ser a obtenção de uma resposta intelectual ativa às questões e provocações que uma subjetividade não resolvida dirige ao seu público.” (2015, p. 57)

Dessa forma, o ensaio permite um olhar subjetivo diante da realidade. Só assim, através da forma do filme-ensaio, em "O Silêncio Elementar", nos será possível divagar por entre diversas subjetividades acerca da suposta melancolia inerente à identidade coletiva mineira; das afetações cotidianas e pessoais da mineração; e, por fim, poderemos compreender como a cosmologia indígena traz novas luzes aos modos com que lidamos com a terra.

O filme divide-se em cinco capítulos com temáticas definidas, sem que se restrinja a interação entre seus temas e a antecipação de assuntos específicos, além de referências e imagens passadas. Os capítulos narram histórias de cada uma das localidades elegidas, e sua progressão visa construir uma experiência dialógica e reflexiva, com sensações que surgem a partir da combinação de informações, subjetividades e das poéticas que se veem em tela e na banda sonora.

## **2.2 Tema e Personagens**

"O Silêncio Elementar" é um ensaio que versa sobre o seguinte objeto filmico: as relações que moradores de certas localidades de Minas Gerais estabelecem com a terra, a partir da mineração e através de contemplações poéticas. O filme é pautado em reflexões em voz off, mas tem seu corpo permeado por narrativas de alguns personagens, que aparecem em tela ora pela voz off – que conta sobre eles –, ora através de entrevistas e ações. Dessa maneira, o filme acaba por assemelhar-se às obras mais recentes de Patricio Guzmán (como “O Botão de Pérola”, 2015 e “Nostalgia da Luz”, 2010), que contam anedotas de alguns personagens e são entremeados por entrevistas, mas seus objetos em questões são mais amplos: a ditadura chilena, o genocídio dos povos originários do Chile ou descobertas científicas acerca do universo. Neste sentido, vale salientar que a modalidade do cinema-ensaio não depende de personagens para o desenvolvimento de um documentário interessante, tampouco, necessariamente, exclui-os.

No momento atual, chegamos a um personagem determinado para o filme: Marllon Morais, um jovem de 25 anos, natural de Itabira. Vale ressaltar que os atravessamentos que

ambicionamos para esse personagem no filme são sensórios; ainda, buscam reconstruir suas histórias e sensações de maneira artística e não expositiva, jornalística. Marllon é um jovem que cresceu no bairro Bela Vista, na vizinhança do Complexo Minerário do Pontal, em Itabira. O bairro termina com os taludes de uma barragem de rejeitos de minério de ferro, e sua vida foi diretamente atravessada pela atividade minerária. Aqui, não é do nosso interesse contar sobre como decorre a mineração e as ameaças que ela promoveu no bairro, mas sim contar das suas percepções infantis, de uma criança que adentrava a estrutura minerária para brincar. Suas memórias contam dos lagos azul-brilhantes e tóxicos usados para a lavagem de minério que, para a criança, eram refúgios de sereias e tritões. Os canos gigantes que derramavam a lama tóxica na barragem eram o "mundo do achocolatado Toddy", e a barragem em si, um enorme lago de areia movediça. Através das vivências e memórias de Marllon, o filme explora como uma identidade, que, claro, perpassada pela inocência infantil e por um sistema social capitalista e mercadológico arraigado, atribuiu conotações afáveis a signos do extrativismo minerário e da destruição da natureza.

As vozes e as figuras Krenaks e Geraizeiras, embora, até então, não se constituam em figuras de personagens individuais, têm um papel profético e reflexivo. Elas expõe como a humanidade e a natureza – esta que se despe das noções de recurso e mercadoria, sempre atribuídas por nós brancos – podem ser vistas como iguais. A natureza é um sujeito e não um objeto. Assim, o seu papel no filme é trazer à tona as mais importantes reflexões cosmológicas, que permitirão ao espectador impregnado pela racionalidade mercadológica refletir sobre os seus próprios modos de pensar e de relacionar-se com a terra; no filme, representados por Itabira e Belo Horizonte. É de nosso entendimento e desejo, após um maior contato com as cosmologias Krenak e as epistemologias Geraizeiras, que o corpo fílmico possa alterar-se e ser atravessado por uma sabedoria historicamente rejeitada pelos brancos. Hoje, todavia, começamos a perceber os contornos revolucionários desses saberes, que podem nortear um futuro possível para a espécie humana, junto da natureza.

### **2.3 Um Roteiro Vivo - Pesquisas e Filmagens**

Imbuído de um extenso e interdisciplinar processo de pesquisa, o projeto estruturou-se conforme é hoje. Em "Filmar O Que Não Se Vê" (2018), Patrício Guzmán salienta a importância da pesquisa para o filme documentário:

O documentarista deve se converter em um especialista amador do tema: lendo, analisando, estudando todos os pormenores do assunto – não tanto para fabricar um produto fílmico “documentado”, mas para ter maior liberdade de ação durante a filmagem. Quanto mais profunda for a sua pesquisa, maiores serão as possibilidades para improvisar e desfrutar de maior liberdade de movimento. [...] Não só se deve pesquisar entre quatro paredes, mas também visitar arquivos, bibliotecas, museus, centro de documentação ou fazer entrevistas com conhecedores da matéria. (GUZMÁN, 2017, p. 40)

Nesse sentido, cabe destacar o extenso e interdisciplinar processo de pesquisa, muito registrado neste trabalho. Pois, a partir da investigação é que se pode criar um produto documental embasado e potente, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, e construir relações de respeito para com os entrevistados e as histórias retratadas.

Embora o roteiro preliminar exista, ele trata-se de uma espécie de consultoria para o que há porvir nas filmagens. As ideias movem-se; partem de um pressuposto e engrandecem-se à partir do que encontramos e confrontamos em cada nova página lida, em cada visita a um território. Sendo assim, entendemos que o fazer fílmico, em especial um documentário-ensaio com uma veia antropológica tão forte, não deve ter, em momento algum de seu processo de construção, uma estrutura engessada. Durante as pesquisas de campo e produção, novos encontros podem alterar o produto fílmico. Os locais de filmagens e seus arredores são de extrema importância: eles nos contam histórias que, às vezes, não estão explícitas. Por exemplo, no momento de filmagem da entrevista de um dos personagens, ouvimos o som de um trem que passa ou uma sirene que apita, ou deparamo-nos com um objeto significativo. É de nosso desejo captar todas essas nuances, abrindo no roteiro novas possibilidades. De maneira semelhante, novas pessoas e falas podem passar a compor o filme, conforme cruzamos com elas nas pesquisas de campo ou filmagens. Para tanto, é necessário que estejamos atentos às imprevisibilidades que possam ocorrer e preparados para captá-las, sem interferir em suas essências. A câmera, neste sentido, precisa ser leve e móvel, e o fotógrafo e técnico de som, ágeis.

Utilizaremos dois aparatos técnicos: a câmera de suporte digital e a handycam, a fim de construir tanto as imagens planejadas do plano de filmagem quanto imagens dos signos vistos acima, de maneira mais espontânea. O objetivo é brincar com texturas e criar no filme entrelaçamentos poéticos entre momentos mais cerebrais e outros mais líricos, como será abordado mais a fundo no capítulo “Montagem e Um Novo Roteiro”.

#### **2.4 As Contribuições Antropológicas**

Para este filme, é importante salientar que a equipe, a priori marcada pelos modos ocidentais e capitalistas, lida com um Outro. As cosmologias percorrem o filme e a equipe em um âmbito epistemológico e político, em diversos pontos dos processos técnicos e artísticos.

O que se propõe é muito próximo do que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro traz como uma oportunidade e uma relevante tarefa da antropologia de pensar com "outras mentes" (2018, p. 25). O autor defende que a força motriz da antropologia é exercitar os estilos de pensamento praticados pelos povos que estuda.

“Uma verdadeira antropologia [...] ‘devolve-nos uma imagem de nós mesmos na qual não nos reconhecemos’ (Maniglier 2005b: 773-74), pois o que toda experiência de uma outra cultura nos oferece é a ocasião para se fazer uma experiência sobre nossa própria cultura [...]” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 21)

"O Silêncio Elementar" pretende ser, sobretudo, um exercício de enxergar a nós mesmos (Ocidentais) em relação aos modos e epistemologias desse "Outro" – no caso, os indígenas Krenaks e Geraizeiros. Explico, lançando mão de um exemplo pessoal: contemplar a mineração na Serra do Curral provoca-me angústia, parte pela possibilidade de perder a vista, parte por saber que a bonança econômica proveniente de sua mineração restringe-se a poucos, em particular, a empresas do norte-global. Ao tomar conhecimento, através de leituras, da subjetivação da natureza conferida pelos Krenak, buscaremos compreender e sentir como configura-se, em seus modos, a perda de uma serra, visto que, em sua cosmologia, os elementos da natureza são dotados de uma subjetividade, algo que não se faz presente em minhas visões arraigadas. A epistemologia indígena dos Krenak faz reexaminar, durante o processo de desenvolvimento do filme, uma série de modos enraizados de viver e de pensar impregnados pelos modos mercadológicos desenvolvimentistas – analisamos aqui com particular enfoque as relações que partem do entendimento da terra como objeto, recurso.

Consolida-se a pretensão de que toda a equipe do filme também proponha-se ao exercício de revisão dos seus modos e conceitos individuais e sociais, quando chegado o momento de filmagem. Mais que isso, almejamos que o corpo fílmico incite o mesmo tipo de reflexão no espectador. O aparato da montagem permite-nos divagar sobre localidades diversas, passando alguns minutos por Itabira e Belo Horizonte – realidades que podem parecer para a maior parte da espectralidade elitizada do meio de festivais, por exemplo, um tanto quanto familiares – chegando depois na terra Krenak e nos Geraizeiros de Grão

Mogol e suas cosmologias de subjetivação da terra. Desse modo, ambicionamos que a justaposição destes distintos ethos e epistemologias funcione como um exercício de reflexão antropológica.

É imprescindível estar e permanecer nessas localidades, ainda que temporariamente, buscando compreender suas subjetividades, sem a pretensão de uma conclusão, e sem que se determine as consequências desse novo conhecimento. É preciso sentir e ouvir.

Ademais, entendemos os momentos do filme que centram nos saberes Krenak e Geraizeiros como matérias especiais. Neles, as imagens e os caminhos narrativos são mutáveis, partindo dessas cosmologias que nos são um tanto quanto novas. Retratar as cosmologias indígenas é um processo que em muito irá alterar o corpo fílmico e, como citado, a própria equipe, em suas vidas pessoais. Ansiamos, como uma premissa básica do projeto, expor a nossa própria identidade no filme enquanto uma identidade marcada por modos capitalistas, mercadológicos e colonizados.

## 2.5 A Montagem e um Novo Roteiro

A montagem é, via de regra, um dos momentos mais cruciais para o documentário e, mais ainda, o documentário-ensaio. Aqui, todas as narrativas, subjetividades, localidades, modos de viver e pensar juntam-se e, ao longo de muito tempo, configuram-se em um filme definitivo. É comum dizer que o verdadeiro roteiro do documentário escreve-se na montagem,<sup>27</sup> e em “O Silêncio Elementar”, acreditamos que isso verifica-se.

O processo de montagem, inicialmente, parte de uma colagem das sequências filmadas na ordem como haviam sido pensadas no roteiro, no chamado "copião". Podendo visualizar todo o material de que o filme dispõe, selecionaremos quais sequências têm força e eloquência e repensaremos o roteiro que havia sido proposto, à luz de novos atravessamentos que terão surgido no decorrer da pesquisa de campo e da filmagem.

A narrativa sintetiza diversas localidades e contextos históricos em um único corpo fílmico através de uma montagem fragmentada, exemplificada no filme de Chris Marker, “Sans Soleil”, de 1983, que traz reflexões sobre o Japão, Guiné Bissau, Cabo Verde e os Estados Unidos. Em “O Silêncio Elementar” há imagens de detalhes, de paisagens, cenas impactantes e outras cotidianas, entrevistas, imagens de arquivo e voz off. Todas elas serão interligadas a partir de uma montagem que se guia de uma maneira sensória e utiliza-se dos signos como norte narrativo e não da cronologia.

---

<sup>27</sup> Por exemplo, em Guzmán, 2018, p. 75: "O roteiro final é 'escrito' na mesa de montagem".



Em uma cena curta, refletimos sobre Belo Horizonte e a Serra do Curral. Momentos mais tarde, em Itabira, contemplamos as cavas que restaram do Pico do Cauê. Dessa forma, a Serra do Curral que vimos no começo do filme ganha uma nova conotação: uma serra que é intacta por fora e oca por dentro; diz-se da “mineração invisível” que ocorre em Belo Horizonte e que tanto passa despercebida pelos belo-horizontinos. Da mesma forma, quando o filme atinge o seu ápice, por meio das cosmologias indígenas, com a ideia da terra como um sujeito e não como um objeto, toda a atividade minerária que foi mostrada no filme até então é ressignificada. Assim, o filme associa elementos dispersos para dar um novo sentido, através da justaposição. Essas associações almejam conferir ao corpo filmico o que Andrei Tarkovski chamou de "lógica da poesia". (1998, p. 16) Segundo o cineasta, as "associações poéticas" intensificam as emoções e tornam o espectador mais ativo e participativo do processo. (1998, p. 17) A poesia passa a ser a filosofia condutora do filme que propõe um tipo de exercício antropológico de olhar para si a partir da epistemologia do outro.

É imprescindível que o filme tenha uma ambiência sonora bem construída. Durante as filmagens, é necessário que se atente aos sons diegéticos, que se dê liberdade para que eles existam e que se observe sua confluência com as imagens que estarão sendo captadas. Já na montagem, será através de sons oníricos, fortes, que construiremos uma camada única do filme: a imersão poética. Dessa forma, o som é tratado como um elemento narrativo particular, que não é meramente um acompanhante subjugado a imagem, mas é dotado de um sentido próprio. Quando aliado à imagem, eles constroem uma nova obra, o filme em si.

A narrativa flui de momentos de suspensão, mais poéticos e oníricos, para outros mais cerebrais, que contam com historiografia e relatos de acontecimentos. As imagens e a banda sonora devem acompanhar essas oscilações dramáticas da narrativa, ora pontuando-as, ora equilibrando-as. Dessa forma, nos momentos oníricos vemos imagens indefinidas que flertam com a videoarte. Contudo, esses momentos também devem ser ilustrados pelas cidades, pela atividade da mineração e por pessoas afetadas pela mineração. São imagens com muita textura de película ou de vídeos digitais dos primórdios, tendo como referência o trabalho de Jonas Mekas em “As I Was Moving Occasionally I Saw Glimpses of Beauty”, de 2000.

Os momentos com maior densidade de informações da narrativa, por sua vez, contêm entrevistas e imagens de arquivo. Porém, é essencial que os trechos também possuam imagens abstratas e oníricas, aparentemente descoladas da voz off, mas que construam uma face poética do filme, distanciando-o de formatos jornalísticos. Como afirma Tarkovski, em "Esculpir o Tempo": "Uma imagem pode ser criada e fazer-se sentir. Pode ser aceita ou

recusada. Nada disso, no entanto, pode ser compreendido através de um processo exclusivamente cerebral" (1998, p. 42).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muita coisa mudou desde o primeiro despertar que culminou no projeto "O Silêncio Elementar". O filme, que pretendia abordar a percepção pessoal de um ethos atravessado pela melancolia, terminou por ser uma pesquisa extensa, e suas implicações têm sido transformadoras tanto no produto filmico em si quanto em mim, pessoalmente.

Se a princípio eu supus que este fazer filmico trataria de análises das formas que um sistema extrativista minerário afeta um ethos, agregando a ele um sentimento melancólico com razões psicanalíticas, o processo tem revelado-se, na realidade, algo muito mais profundo. Algo que passa por um conjunto de crenças e modos de pensar e viver extremamente arraigados em individualidades e sociedades. Um processo que tem passado também por questionar esses modos.

As leituras de pensadores indígenas ou daqueles que versam sobre as cosmologias têm o papel mais fundamental no exercício transformador em que o construir deste filme se tornou. A maior ambição é buscar exercitar um olhar para nós mesmos (com "nós" refiro-me aos Ocidentais) a partir dos modos de pensar de um Outro. Um exercício que, bem preliminarmente, as cosmologias têm proporcionado-me. Nutro o desejo de que se aprofunde durante os imersivos processos de pesquisa de campo e de filmagem; mais que isso, que seja sensível no corpo filmico, estendendo-se também ao espectador. Através das tentativas de pensar com "outras mentes", acredito podermos rever nossos modos que são tão perversos, uma vez que constituem-se sobre bases ocidentais mercadológicas.

Portanto, diferente de responder às perguntas iniciais acerca das razões do possível ethos mineiro e dos seus entrelaçamentos para com a gênese minerária do estado, o processo de feitura de "O Silêncio Elementar", bem como o deste trabalho, mantém tais questões em aberto, mas sugerem um exercício de pensá-las sobre uma nova ótica: a ótica de um Outro – um que têm seus modos de ver e pensar a terra como igual à humanidade.

Enquanto o fazer filmico limita-se a pouco mais que "pensar o filme" – em tempos de pandemia, poucas filmagens chegaram a decorrer e nenhuma nos territórios Krenak ou Geraizeiro – proponho mais uma questão da ordem do poético e do ensaístico: se nos Ocidentais mineiros a mineração provoca o traço melancólico do ethos, que sentimentos a atividade extrativista provocará em povos imbuídos de outras epistemologias?

Embora as ideias originais tenham em muito transmutado-se em novas, as bases poéticas e ensaísticas como premissas de fazer, pensar e sentir "O Silêncio Elementar" gradativamente ganharam mais importância e sentido. São essas formas que me permitem

trabalhar com o que temos de mais verdadeiro e que talvez seja a única coisa que podemos transformar: nós mesmos.

## 5 BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. São Paulo: Autonomia Literária e Editora Elefante, 2016.

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma** (pág. 15-45). In: Adorno, W. T., Notas de Literatura I. Tradução Jorge de Almeida, Ed. 34, Coleção espírito crítico, 2003.

ALVARES, Claudias Assad. **Nomes de Profissões: Uma oposição sufixal**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005.

AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; Ed. FGV, v. 8, n. 15, p. 145-152, jan./jul. 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Boitempo**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1967.

APÓS lama, Brumadinho registra alta de suicídio e prescrição de remédios. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 09 de set. de 2019. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/09/interna\\_gerais,1083678/apos-lama-brumadinho-registra-alta-de-suicidio-e-uso-de-remedios.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/09/interna_gerais,1083678/apos-lama-brumadinho-registra-alta-de-suicidio-e-uso-de-remedios.shtml)>. Acesso em: 05 de ago. de 2020.

ARTAXO, P. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **Revista USP**, n. 103, p. 13-24, 22 nov. 2014.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. **Litotoponímia Mineira**. 2018. 542 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B8AFPE>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CORRIGAN, Timothy. **O filme-ensaio: Desde Montaigne e depois de Marker**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

COSTA, Leise. **20,9% dos mineiros vivem na linha da pobreza, divulga IBGE, Belo Horizonte**, 8 a 15 de dezembro de 2018. Edição do Brasil. Disponível em: <<http://edicaodobrasil.com.br/2018/12/13/209-dos-mineiros-vivem-na-linha-da-pobreza-divulga-ibge/>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/gent%C3%ADlico>>. Acesso em 15-08-2020.

FARIA, Daniel. **Homens que são como Lugares mal Situados**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

FERREIRA, Ana Gabriela Chaves. **Mineração em serra tanto bate até que seca: a presença da vale em itabira para além do desenvolvimento dos conflitos ambientais.** 2015. 132 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** Rio de Janeiro: Ibge, 1958.

FIGUEIREDO, Lucas. **Boaventura.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia.** São Paulo, Cosac Naify, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

GUIMARÃES, C. L.; MILANEZ, B. **Mineração, impactos locais e os desafios da diversificação: revisitando Itabira.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 41, p. 215-236, 2017.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que Não se Vê.** São Paulo: Edições SESC, 2017.

HEMATITA. **M M Gerdau.** Disponível em: <<https://www.mmgerdau.org.br/descubra/inventario-mineral/hematita/>>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

HISTÓRIA de Itabira. **Portal do Turismo de Itabira.** Disponível em: <<http://turismo.itabira.mg.gov.br/historia-de-itabira/>>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

**Imagem de Satélite de Itabira.** 2020. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Itabira,+MG/@-19.6467946,-43.2815528,13878m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xa5a113d676be4b:0xa1b1df8c51582d7!8m2!3d-19.6244172!4d-43.2316363>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A Queda do Céu.** São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

KRENAK – VIVOS NA NATUREZA MORTA. EP 01 A LAMA MATOU NOSSO RIO. Coordenação de Produção: Angela Santos. Criação, Direção e Roteiro: Andrea Pilar Marranquiel. **Canal Futura**, 2017. 1 vídeo (13 minutos). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=4ng52AN3bml&list=PLxkC\\_UNAIMW4HRDeY4P6drY0Q-i51Sr58&index=18&t=565s](https://www.youtube.com/watch?v=4ng52AN3bml&list=PLxkC_UNAIMW4HRDeY4P6drY0Q-i51Sr58&index=18&t=565s)>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

KRENAK fala sobre a história de sua família indígena no Rio Doce. [S. l.]: **Museu da Pessoa**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rltEIJXtljc>. Acesso em: 1 ago. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Cia das Letras, 2020.

LUCAS, Fábio. **Mineira**ças. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 1ª Edição Tomo nº1 - 1952; Editorial Confluência; (ix) BUENO, Silveira. **Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968, 2ª. Tiragem.

MAIS de 2.000 Vagas de Emprego. **Prefeitura de Nova Lima**, 2019. Disponível em <<https://novalima.mg.gov.br/uploads/jornal-a-cidade/arquivos/1564773013nABDsz.pdf>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

MARQUES, Ana Martins. **O Livro das Semelhanças**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MARTINS, Roberto Borges. A economia escravista de Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1980.

MEMÓRIA da tecnologia da mineração em Itabira. **Vale**, 2016. Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/PT/initiatives/innovation/itabiritos/itabira-memory/Documents/assets/projeto-memorias.pdf>>. Acesso em: 22, jul. e 2020.

MICHAELIS, Dicionário Online de Português. Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/>> Acesso em 15 de mai. de 2020.

NASCIMENTO, M. **Maria, Maria**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre geraizeiros do norte de Minas Gerais**. 2009. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PICO do Cauê. **Vale**. Disponível em <<http://www.vale.com/brasil/PT/initiatives/environmental-social/mina-do-caue/Paginas/default.aspx>> Acesso em 22 de jul. de 2020.

PINTO, Bianca Hoffmann Teixeira. **A DINÂMICA DO MERCADO GLOBAL DE MINÉRIO DE FERRO E A IMPORTÂNCIA DA LOGÍSTICA NA CADEIA DE VALOR DA VALE**. 2013. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

POVO indígena Krenak segue lutando por reconhecimento e demarcação total de seu território tradicional. **Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil**, 2018. Disponível em <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=mg-povo-indigena-krenak-segue-lutando-por-reconhecimento-e-demarcacao-total-de-seu-territorio-tradicional>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1998.

RUCHKYS, Úrsula Azevedo; MACHADO, Maria Márcia Magela. **PATRIMÔNIO GEOLÓGICO E MINEIRO DO QUADRILÁTERO FERRÍFERO, MINAS GERAIS – CARACTERIZAÇÃO E INICIATIVAS DE USO PARA EDUCAÇÃO E GEOTURISMO**. Boletim Paranaense de Geociências, [S.l.], v. 70, dez. 2013. ISSN 0067-964X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/31541>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SERRA, Cristina. Tragédia em Mariana: livro retrata história do maior desastre ambiental do Brasil. **EBC**. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/natureza-viva/2018/11/lancamento-do-livro-tragedia-em-mariana-historia-do-maior-desastre-ambiental>>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

SIQUEIRA, Marília Rocha. **O ENSAIO E AS TRAVESSIAS DO CINEMA DOCUMENTÁRIO**. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) - Mestre, Belo Horizonte, 2006.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza and CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. **O impacto do suicídio sobre a morbimortalidade da população de Itabira. Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2006, vol.11, suppl, pp.1333-1342. ISSN 1678-4561.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Homem e a Montanha – Introdução Ao Estudo Das Influências da Situação Geográfica Para a Formação do Espírito Mineiro**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Ubu, 2018.

WISNIK, José Miguel. **A Maquinação do Mundo - Drummond e a Mineração**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.